

Ocotea corymbosa (Meisn.) Mez

(canela, canela bosta, canela fedorenta)

Família: Lauraceae

Endêmica: não²

Bioma/Fitofisionomia: Cerrado (Cerradão, Floresta Ciliar), Mata Atlântica (Floresta Ciliar, Floresta Estacional Semidecidual, Floresta Ombrófila)²

Recomendação de uso: Restauração, Arborização urbana

A canela-fedorenta, como pelo próprio nome sugere, é uma espécie cuja madeira libera odor desagradável em contato com a umidade. Apesar do odor, sua madeira é fácil de ser trabalhada, resistente e durável. Também é uma árvore bem ornamental, empregada na arborização de ruas principalmente por sua copa com folhagem delicada e flores brancas. As árvores maiores atingem altura de 30 m, seu tronco é reto a levemente tortuoso e sua casca externa é áspera, de coloração marrom escuro.

Etnobotânica e Histórico

Usos específicos: produtos madeireiros (construção civil, lenha), produtos não madeireiros (ornamental)¹

Características gerais

Porte: altura 10.0-30.0m DAP 40-70cm^{5,1,4}

Cor da floração: branca³

Velocidade de desenvolvimento: Lenta⁵

O desenvolvimento no local definitivo é lento, dificilmente ultrapassando 2,5 m aos 2 anos.

Persistência foliar: Semidecídua^{1,5}

Sistema radicular: -

Formato da copa: -

Diâmetro da copa: -

Alinhamento do tronco: Reto, Levemente tortuoso¹

Superfície do tronco: Áspera¹

Tipo de fruto: Carnoso indeiscente (Baga)⁴

Cuidados

Poda de condução e de galhos: sim¹

Pragas e doenças: Produz anualmente grande floração, entretanto devido à infecção de um fungo a produção de sementes é geralmente baixa.⁵

Acúleos ou espinhos: -

Princípios tóxicos ou alergênicos: -

Drenagem do terreno: Áreas bem drenadas¹⁵

Espécie mesófila.

Ecologia e Reprodução

Categoria sucessional: Secundária inicial, Secundária tardia, Clímax^{11,8,12,13,6}

Polinizadores: Abelhas.¹

Período de floração: setembro a fevereiro^{4,3}

Flor de setembro a fevereiro (BAITELLO; MARCOVINO, 2003); de novembro a janeiro (MORELLATO, 1991).

Tipo de dispersão: Zoocórica⁸

Agentes dispersores: Aves.¹

Período de frutificação: março a dezembro⁴

Associação simbiótica com raízes: sim¹⁴

Apresenta incidência média de micorriza arbuscular.

Produção de mudas

Obtenção de sementes: Coleta de frutos na árvore^{1,5}

Colher os frutos quando iniciarem a queda espontânea. Em seguida, devem ser expostos ao sol para secar a pequena camada de polpa suculenta que envolve a semente (LORENZI, 2002). Os frutos devem ser colhidos quando maduros - coloração verde-clara - diretamente da árvore, antes da queda espontânea ou da dispersão pelas aves (CARVALHO, 2008).

Tipo de semente: Recalcitrante^{6,9}

Tratamento para germinação: Sem necessidade de tratamento, Tratamento térmico^{1,6}

Não há necessidade de tratamento pré-germinativo, mas para acelerar e uniformizar a germinação, imergir as sementes em água fria ou ambiente por 48 horas.

Produção de mudas: Canteiros^{5,1}

Transplantar as mudas para embalagens individuais quando alcançarem 4 a 5 cm (LORENZI, 2002).

Tempo de germinação: 30 a 60 dias^{5,7}

Taxa de germinação: 30 a 80%^{6,7}

Número de sementes por peso: 4200/kg^{9,10,6}

Exigência em luminosidade: Exigente em luz^{5,1}

Bibliografia

¹ CARVALHO, P. E. R. Espécies arbóreas brasileiras. Brasília: Embrapa Informação Tecnológica, 2008. v. 3, 593 p.

² QUINET, A.; BAITELLO, J. B.; MORAES, P. L. R.; ALVES, F. M.; ASSIS, L. Lauraceae. In: Lista de Espécies da Flora do Brasil. Rio de Janeiro: Jardim Botânico do Rio de Janeiro, 2013. Disponível em: . Acesso em: 30 jul. 2013.

³ MORELLATO, L. P. C. Estudo da fenologia de árvores, arbustos e lianas de uma floresta semidecídua no sudeste do Brasil. 1991. 176 f. Tese (Doutorado em Biologia) - Instituto de Biologia, Universidade Estadual de Campinas, Campinas. 1991.

⁴ BAITELLO, J. B.; MARCOVINO, J. R. Ocotea. In: WANDERLEY, M. das G. L.; SHEPHERD, G. J.; GIULIETTI, A. M.; MELHEM, T. S. (Ed.). Flora Fanerogâmica do Estado de São Paulo. São Paulo: FAPESP: RiMa, 2003. v. 3, p. 179-208.

⁵ LORENZI, H. Árvores brasileiras: manual de identificação e cultivo de plantas arbóreas do Brasil. 4 ed. Nova Odessa: Instituto Plantarum, 2002. v.1, 368 p.

⁶ MORI, E. S.; PIÑA-RODRIGUES, F. C. M.; FREITAS, N. P.; MARTINS, R. B. Sementes florestais: guia para germinação de 100 espécies nativas. São Paulo: Instituto Refloresta, 2012. 159 p.

⁷ MALUF, A. M.; PASSOS R.; BILIA, D. A. C.; BARBEDO, C. J. Longevidade e germinação dos diásporos de *Ocotea corymbosa* (Meissn.) Mez. Scientia Agrícola, Piracicaba, v. 57, n. 1, p. 39-44, jan./mar. 2000.

⁸ CATHARINO, E. L. M.; BERNACCI, L. C.; FRANCO, G. A. D. C.; DURIGAN, G.; METZGER, J. P. Aspectos da composição e diversidade do componente arbóreo das florestas da Reserva Florestal do Morro Grande, Cotia, SP. Biota Neotropica, Campinas, v. 6, n. 2, 2006.

⁹ CARVALHO, L. R. de. Conservação de sementes de espécies dos gêneros *Nectandra*, *Ocotea* e *Persea* (Lauraceae). 2006. 75 f. Tese (Doutorado em Engenharia Florestal), Universidade Federal de Lavras, Lavras. 2006.

- ¹⁰ DURIGAN, G.; FIGLIOLIA, M. B.; KAWABATA, M.; GARRIDO, M. A. de O.; BAITELLO, J. B. Sementes e mudas de árvores tropicais. São Paulo: Páginas & Letras Editora e Gráfica, 1997. 65 p.
- ¹¹ LEITE, E. C; RODRIGUES, R. R. Fitossociologia e caracterização sucessional de um fragmento de floresta estacional do sudeste do Brasil. *Revista Árvore*, Viçosa, v. 32, n. 3, p. 583-595, 2008.
- ¹² GANDOLFI, S.; LEITÃO-FILHO, H. F.; BEZERRA, C. L. F. Levantamento florístico e caráter sucessional das espécies arbustivo-arbóreas de uma floresta mesófila semidecídua no município de Guarulhos, SP. *Revista Brasileira de Botânica*, São Paulo, v. 55, n. 4, p. 753-767, 1995.
- ¹³ WERNECK, M. de S.; FRANCESCHINELLI, E. V.; TAMEIRÃO NETO, E. Mudanças na florística e estrutura de uma floresta decídua durante um período de quatro anos (1994-1998), na região do Triângulo Mineiro, MG. *Revista Brasileira de Botânica*, São Paulo, v. 23, n. 4, p. 401-413, dez. 2000.
- ¹⁴ CARNEIRO, M. A. C.; SIQUEIRA, J. O.; MOREIRA, F. M. S.; CARVALHO, D. de; BOTELHO, S. A.; JUNIOR, O. J. S. Micorriza arbuscular em espécies arbóreas e arbustivas nativas de ocorrência no sudeste do Brasil. *Cerne*, Lavras, v. 4, n. 1, p. 129-145, 1998.
- ¹⁵ VILELA, E. de A.; OLIVEIRA FILHO, A. T. de; GAVILANES, M. L.; CARVALHO, D. A. de. Espécies de matas ciliares com potencial para estudos de revegetação no alto Rio Grande, sul de Minas. *Revista Árvore*, Viçosa, v. 17, n. 2, p. 117-128, 1993.